

## **DAISY BUCHANAN, MEGERA OU ANJO? - UM ESTUDO DAS PERCEPÇÕES DE PERSONAGENS FEMININAS EM AMBIENTES ACADÊMICOS E POPULARES**

**JEAN FABRICIO LOPES FERREIRA<sup>1</sup>; RENATA KABKE PINHEIRO<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – jeanf.lopesf@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – rekabke@gmail.com*

### **1. INTRODUÇÃO**

Publicado em 1925, *The Great Gatsby*, do escritor americano F. Scott Fitzgerald é considerado um retrato dos Anos 20 americanos, uma época em que a juventude lidava com a "nova modernidade" e os efeitos da guerra e da revolução industrial. Nele encontra-se Daisy, uma jovem atraente, casada com o milionário Tom Buchanan, e que se acha dividida entre seu casamento e um amor do passado, Jay Gatsby.

Daisy não é a protagonista da obra, e nem detém o foco narrativo. Ela é apresentada através dos olhos de Nick, seu primo, e sua construção provém da visão de um patriarcado capitalista, "a partir do desejo heterossexual masculino" e "a partir de uma tradição literária, negociando-se entre significados herdados e posicionamentos alternativos, mas sempre em relação ao que está culturalmente disponível" (FUNCK, 1993, p.33).

A tradição literária mostra-se, em geral, antifeminista, pois uma análise das narrativas mais famosas revela que boa parte das personagens femininas são construídas por um viés patriarcal que as põe em coadjuvantismo em relação às personagens masculinas. Nesse contexto, Pinheiro (2011, p.59) esclarece que "configuram-se dois extremos no que se refere à representação feminina na literatura: o Anjo ou Vítima e a Bruxa ou Megera." Os autores canônicos, seguindo a tradição hegemônico-patriarcal, quase sempre representam as personagens femininas como Anjo em suas obras, dando "honrarias" às que não ousam transgredir o *status quo*. Por outro lado, às Megeras – aquelas que muitas vezes detêm algum "poder" na trama – normalmente é reservado um final triste e que denota as consequências de infringir as leis patriarcais.

Por meio da observação de percepções populares, de estudiosos do meio acadêmico e de discentes da área de Letras em relação a Daisy Buchanan, este trabalho propõe uma reflexão sobre as diferentes percepções da personagem nessas esferas sociais. A importância dessa reflexão é que, ao entendermos se o público leitor percebe as personagens femininas de obras literárias como Anjos ou Megeras, esses rótulos tradicionalmente impostos a elas podem ser questionados e imagens estereotípicas de mulheres – fictícias ou reais – desconstruídas.

### **2. METODOLOGIA**

Através da leitura de artigos obtidos em publicações populares e acadêmicas, além dos dados da pesquisa *Percepção da representação da mulher em obras da literatura de língua inglesa*, foram comparadas as diversas percepções da personagem Daisy Buchanan existentes em diferentes esferas sociais.

A partir dessa comparação, foi possível perceber as divergências e/ou congruências na percepção que leitores dessas esferas têm de Daisy e esboçar algumas conclusões a respeito das influências atuando sobre essa percepção.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Começando pelas percepções obtidas em fontes populares, no artigo *Daisy 'Great Gatsby': 9 Opinions About Fitzgerald's Ms. Buchanan*, publicado no site do The Huffington Post, Grey (2013) expõe várias percepções sobre Daisy. Uma delas é como "the golden girl" (a menina de ouro)<sup>1</sup> com uma voz "full of money" (cheia de dinheiro). A autora cita, por exemplo, Lid (1964), o qual propõe que, para Gatsby, Daisy constitui-se no símbolo do "American dream" (sonho americano). Apesar de Lid (1964 *apud* GREY, 2013) utilizar adjetivos presentes no livro – como "beautiful" (bonita) e "nice girl" (garota legal) – para falar sobre Daisy, a percepção da personagem está ainda atrelada ao dinheiro e à riqueza. Já Bewley (1963 *apud* GREY, 2013) percebe Daisy como uma personagem "sem substância", "[com] um vazio que vemos se transformar na malignidade de uma monstruosa indiferença moral à medida que a história se desenrola". Nessa crítica de Bewley, vemos a percepção tradicional, que vilaniza Daisy em suas atitudes. Por sua vez, Spyza (2001), também citada por Grey (2013), vê Daisy como "frivolous" (frívola), "naïve" (ingênua) e "terribly sophisticated" (terrivelmente sofisticada), ou seja, percepções bastante negativas a respeito da personagem. Em contraponto, há no artigo opiniões mais simpáticas a Daisy, como a de Rosenberg (2013, *apud* GREY, 2013), que defende a personagem dizendo que sua tragédia é querer ser romântica, "alguém que se importa mais com aventuras do que com decoro", mas que "não tem coragem ou paixão suficiente para buscar isso".

Já Baker (2013), em seu artigo *The Problem With The Great Gatsby's Daisy Buchanan* (escrito para o site do The Daily Beast), percebe Daisy como um paradoxo. Por um lado, ela é "a idealização perfeita de mulher", "a debutante mais desejável, a dama sempre esquiva", "o cálice de Galahad", "Guinevere e o Graal", "o objeto encantado, o grande sonho americano". Por outro, Baker (2013) expõe a mais frequente visão de Daisy: como "infantil e impressionável" e "egoísta possivelmente ao ponto de patologia". Vê-se, então, que na visão popular a dicotomia Anjo/Megera se concretiza em Daisy: quando associada ao Anjo, ela é vista como "the big American dream", "light", "the most desirable debutante", "the golden girl", "incorruptible angel", a musa perfeita. Entretanto, a partir do momento em que Daisy arruína essa imagem ao fazer algo fora dos padrões esperados do Anjo, ela é vista como Megera.

A absoliação de Daisy vem com o artigo *Why Is The Great Gatsby's Daisy Buchanan So Reviled?* de Cristina Hartmann, publicado no site Quora. Nele, a "demonização" de Daisy é criticada, e a autora diz que não vai "negar que Daisy é uma mulher profundamente falha", mas que não acha que "ela é a encarnação do diabo ou quase tão repugnante como muitos parecem pensar" (HARTMANN, 2015). Hartmann, na verdade, vê Daisy "como uma mulher profundamente infeliz que não pode viver à altura das expectativas alheias. Em outras palavras, ela é profundamente humana" (HARTMANN, 2015). Finalizando seu artigo, Hartmann afirma que Daisy atalha pelos caminhos mais fáceis ("weaker") e menos corajosos ("cowardly"), tentando buscar amor em lugares improváveis e idealizando um amor inexistente – um reflexo do jugo imposto às mulheres num contexto patriarcal.

Passando às percepções registradas no meio acadêmico, Person, Jr., em seu artigo *Herstory and Daisy Buchanan* (1978), também identifica Daisy com o "Graal", associando a personagem à pureza, mas a caracteriza como "victim" (vítima) tanto

<sup>1</sup> Todas as traduções de palavras e expressões em inglês são de autoria de Jean Fabricio Lopes Ferreira.

do poder patriarcal que Tom possui sobre ela como da falta de semelhança com a Daisy idealizada de Gatsby. Sobre o primeiro ponto, o autor diz que Daisy tem sua própria história complexa, já que ela precisou “dar um rumo em sua vida”. Com Gatsby na guerra e sem saber se ele estava vivo, a promessa de dinheiro de Tom pareceu a Daisy a forma mais rápida de iniciar sua vida, mas, para isso, ela precisou abrir mão de sua “energia viva”, “congelando-se” ao se tornar a Sra. Tom Buchanan. Em relação ao segundo ponto, Daisy não consegue ser o ideal platônico de Gatsby, já que, para ele, ela é só um “objeto encantado”. O autor conclui dizendo “Daisy é vítima de uma tendência masculina em projetar uma autossatisfação, em última instância, desumanizante, na imagem feminina” (PERSON JR, 1978, p.257).

Já Korenman traz outra percepção de Daisy no artigo “*Only Her Hairdresser*”: *Another Look at Daisy Buchanan* (1975): um “erro” de Fitzgerald em descrevê-la algumas vezes como loira e outras vezes como morena. Na literatura, mulheres loiras são geralmente associadas ao Anjo, à pureza, a passividade, enquanto as morenas são ligadas à Megera, à sexualidade, a algum poder que possam apresentar. Korenman (1975, p.570) lista, então, uma série de símbolos associados à Daisy na tentativa do autor de torná-la o objeto de fascínio de Gatsby por meio da figura de Anjo: o nome Daisy significa margarida, que é branca e dourada; as roupas da personagem são quase sempre brancas, seus móveis também. O dinheiro que envolve a Golden Girl Daisy aparece no dourado presente à sua volta. Nas palavras de Korenman (1975, p. 576), “Ela é um pote de ouro no fim do arco-íris, a princesa loira dos contos de fadas.” Já quanto à sexualidade de Daisy, a autora sugere que esta é ligada a sua “face morena”, e assim a Daisy que esteve com Gatsby antes de ele ir para a guerra era a Daisy-morena; a Daisy rica e fria, casada com Tom, é a Daisy-loira. A autora conclui que ambas, a fria e inocente princesa e a sensual *femme fatale*, estavam na personagem, ou seja, ela é, ao mesmo tempo, Anjo e Megera (KORENMAN, 1975, p.577).

Por fim, na pesquisa *Percepção da representação da mulher em obras da literatura de língua inglesa*, as/os alunas/os do curso de Letras Português/Inglês responderam um questionário no qual expressavam, a partir de uma lista de possíveis adjetivos, como percebiam as personagens femininas dos romances lidos na disciplina de Literatura de Língua Inglesa II. Para Daisy Buchanan os adjetivos escolhidos foram: *arrogant* (arrogante), *confused* (confusa), *coward* (covarde), *irresponsible* (irresponsável), *manipulative* (manipuladora), *self-centered* (egocêntrica), *selfish* (egoísta), *snobbish* (esnobe), *spoiled* (mimada), *stupid* (estúpida), *superficial* (superficial), *unreliable* (não-confiável) e *weak* (fraca).

É interessante notar que as percepções dos acadêmicos da UFPel, assim como as mostradas nos artigos populares lidos para esta discussão, mostraram-se alinhadas com o senso comum, o qual vê a mulher ou como fraca, ou como megera. Já na visão acadêmica, que leva em conta o contexto da sociedade em que a obra e a personagem se inserem, Daisy ganha uma redenção, nem que seja pelo contexto em que vive, o de mulher da alta sociedade dos anos 20, no qual as aspirações femininas deveriam voltar-se para a vida doméstica e a satisfação exterior de seus maridos (PROTHEROE, 1998).

A dicotomia Anjo/Megera se mostra constante nas percepções que demonizam Daisy. As que a colocam como Megera, são maioria, e mesmo que a construção de Daisy tenha sido moldada na visão de Anjo – muito pela idealização platônica de Gatsby sobre ela –, é como Megera que ela será vista. Suas ações no decorrer de *The Great Gatsby* parecem imperdoáveis ao senso comum e à sociedade patriarcal que espera que a mulher seja “o anjo da casa”. A personagem Daisy foi programada

como Anjo, com todas as características ligadas a esta tipologia, mas a visão popular a vê como Megera pelo simples fato de ela não atender às expectativas de Gatsby. Quando Daisy revela suas “falhas”, mostrando-se humana, presa a condições socioculturais, ela é demonizada, vilanizada e rotulada como Megera. Entretanto, em minha opinião, Daisy é uma junção dos dois, do Anjo e da Megera, entrelaçados.

#### 4. CONCLUSÕES

Foi possível verificar que a dicotomia Anjo/Megera, frequente na tradição literária, se faz presente na percepção da personagem Daisy. Pode-se perceber também que modos de pensar patriarcais ainda influem muito na percepção de personagens femininas, levando quem lê a isolar Daisy em um dos polos dessa dicotomia ao invés de perceber a complexidade e as nuances da personagem. Este estudo ainda sugere que as percepções dos alunos do curso de Letras se aliam às opiniões gerais de artigos de fontes populares, e que apenas a crítica acadêmica, mais aprofundada, percebe Daisy como uma vítima/escrava de seu próprio tempo e como um ser humano multidimensional, dotado de idiossincrasias e sujeito a falhas.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKER, K. The Problem With The Great Gatsby's Daisy Buchanan. **The Daily Beast**, New York, 05 out. 2013. Acessado em 22 jun. 2015. Disponível em: <http://www.thedailybeast.com/witw/articles/2013/05/10/the-problem-with-the-great-gatsby-s-daisy-buchanan.html>

FUNCK, S. B. Feminismo e Utopia. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 33-48, 1993.

GRAY, E. Daisy 'Great Gatsby': 9 Opinions About Fitzgerald's Ms. Buchanan. **The Huffington Post Online**, Los Angeles, 05 out. 2013. Women. Acessado em 22 jun. 2015. Online. Disponível em: [http://www.huffingtonpost.com/2013/05/10/daisy-great-gatsby-buchanan\\_n\\_3253742.html](http://www.huffingtonpost.com/2013/05/10/daisy-great-gatsby-buchanan_n_3253742.html)

HARTMANN, C. Why Is The Great Gatsby's Daisy Buchanan So Reviled? **Slate**, Washington, 24 mai. 2015. Acessado em 22 jun. 2015. Disponível em: [http://www.slate.com/blogs/quora/2015/05/24/the\\_great\\_gatsby\\_why\\_is\\_daisy\\_buchanan\\_so\\_reviled.html](http://www.slate.com/blogs/quora/2015/05/24/the_great_gatsby_why_is_daisy_buchanan_so_reviled.html)

KORENMAN, J. S. “Only Her Hairdresser”: Another Look at Daisy Buchanan. **American Literature**. Durham, v. 46, n. 4. p. 574-578. 1975.

PERSON, L. S. Jr. “Herstory” and Daisy Buchanan. **American Literature**. Durham, v. 50, n. 2, p. 250-257, 1978.

PINHEIRO, R. K. **Viviane e Morgana: Uma nova dicotomia em meio à tensão discursiva de As brumas de Avalon**. Julho de 2011. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada - Texto, Discurso e Sociedade pelo Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas.

PROTHEROE, E. S. **Daisy Buchanan, Fran Dodsworth, Kate Clephane: upper class women in three novels of the 1920s**. 1998. Master's Thesis on Arts of the Iowa State University.